



### CARLOS FRANCO ALBERTO

Carlos Franco Alberto [por alcunha “Refilão”] nasceu a 19 de Março de 1957, na Ericeira. De acordo com o B.I. é filho de Manuela Alberto António [por alcunha “Manã”] e de pai incógnito. Mais tarde, veio a saber que o seu pai é Agostinho Grilo, natural da Areia Branca. Começou a pescar com dez, doze anos na Praia da Ribeira. Tem a quarta classe. Primeiro fez a terceira classe na Ericeira com catorze anos, idade a que foi obrigado a sair da escola.

Em 1972, Carlos Alberto preparou o exame da quarta classe com Helena Cruz, tendo realizado o exame com o Professor Botelho, em Maфра. Simultaneamente frequentou a Escola de Pesca, da Casa dos Pescadores da Ericeira, em que o avô “Galdera” [Felipe António Inácio] era mestre. No mesmo ano, com quinze anos, começou a governar o barco “Fé na Mãe de Deus”<sup>1</sup>, antigo barco do “Peia” [Sebastião da Silva Mira], ao tempo propriedade de Saul Bernardes Carramona. Em 1973, tirou a carta de marinheiro na Ericeira.

Entre 1974 e 1978, andou embarcado no arrastão costeiro “Largo Horizonte”, de Cascais, como marinheiro pescador. «Era um arrastão pequeno.»

Em 20 de Abril de 1978, inscreveu-se na Delegação Marítima da Ericeira com o nº 1.687. No mesmo ano, fez uma viagem num arrastão grego clandestino, de bandeira panamiana, a Marrocos. «O barco tinha um nome estrangeiro, não sei o nome.»

Entre 4 de Junho de 1980 e 15 de Abril de 1981, Carlos Alberto embarcou, sucessivamente, com a categoria de marinheiro pescador e mestre de redes, no arrastão “Praia de Algés”. «Nas duas últimas viagens fiz de mestre de redes. A seguir fiz uma viagem no “Paço de Arcos”.»

Entre 1981 e 1983, regressou à Ericeira. «Andei a governar o barco “Farol à Vista” pertencente ao Victor, “Ladrão da Vaca” [Victor Manuel Franco Machado].»

Em 1984, «o “Carlos da Milhariça” comprou ao “Borriças” [João da Conceição Rodrigues] o barco “Somos Irmãos”. Trabalhei “à forra”<sup>2</sup> para ele durante treze anos.»

Em 1984, Carlos Alberto casou com Maria Edite da Silva Franco Alberto, natural dos Arneiros, S. Mamede da Ventosa. Tem dois filhos, Dinis da Silva Franco Alberto, nascido em 1985, estudante de Direito, e Ana Carolina da Silva Franco Alberto, nascida em 1990, estudante.

---

<sup>1</sup>Em 11 de Setembro de 1945, Sebastião da Silva Mira registou, com o nº E111F, a lancha “Fé na Mãe de Deus” que encomendara a José da Luz Pardal. Destinava-se à pesca costeira e tinha 1,641T de arqueação bruta. Em 8 de Junho de 1972, Sebastião Mira vendeu a lancha a Saul Bernardes Carramona que manteve a mesma denominação. Estava equipada com um motor “Arona” de 4,9 H.P.

<sup>2</sup>Trabalhar “à forra” significa o seguinte – Um determinado investidor, sem conhecimentos de pesca, compra uma embarcação. O arrais escolhido pelo investidor encarrega-se de exercer a faina da pesca na embarcação até retornar ao investidor o valor correspondente ao custo integral de aquisição da embarcação. A partir desse momento a embarcação passa a ser co-propriedade do investidor e do arrais, que pode optar por pagar 50% ao investidor e passar a ser o único proprietário da embarcação.

Em 15 de Outubro de 1991, tirou a carta de arrais de pesca. Exerce, há cerca de quinze anos, a actividade haliêutica na embarcação “Lula” de que é o proprietário e arrais.



“Lula”. Carlos Franco Alberto com baliza de palangre.

Quando começou a pescar na praia as redes eram manufacturadas com fio de algodão. «Usavam-se redes volantes [“velantes”, de acordo com a pronúncia jagoz]. A rede era composta por um pano de 18 braças, com malha 13. A espessura do fio era 3.000, 6.000, 9.000. A espessura era mais grossa do que a do fio utilizado actualmente. Os rascos vieram substituir as antigas redes “velantes”. Estas redes só apanham peixes grandes.

Hoje, um barco só pode ir para o mar com pelo menos dois homens matriculados – o arrais e um tripulante. A minha companhia é composta por três homens – eu e mais dois camaradas.

Dou uma teca ou quinhão de peixe a cada tripulante para levar para casa. Se o peixe for muito abundante, do bom, divide-se do melhor. Quando não é do melhor divide-se o pior para a gente. O tamanho da teca depende da quantidade de peixe apanhado. Se há mais peixe a teca é maior, se há menos, é menor.»

A soldada é ajustada da seguinte maneira – Após receber o dinheiro bruto da lota, Carlos Alberto deduz as seguintes despesas – o gasóleo, a isca e a alagem ou puxada do tractor (18,50€, em 2010, e 21,50€, em Julho de 2012). Depois divide 50% para o barco e 50% para a companhia. Os 50% da companhia são divididos proporcionalmente pelo seu número de elementos (divide por três). «Toda a gente aqui pratica este sistema. A certa altura a polícia marítima e a guarda-fiscal tentaram retirar-nos o quinhão de pesca, mas nunca conseguiram. Toda a gente dá o quinhão, em toda a parte.»

Antigamente, no aparelho, eram 2,5 partes só para o barco e o resto (7,5 partes) para a companhia. Só era 50% quando trabalhavam com redes. Descontam sobre o valor da pesca para a Mútua dos Pescadores. O seguro mensal obrigatório de cada tripulante custava 50€ (em 2010). Quando algum elemento da companhia adoece recebe o salário através do seguro.

### **Aparelhos utilizados na Ribeira:**

#### **Linhas de anzol ou palangres**

**Aparelho para o fundo**<sup>3</sup>: O aparelho de fundo, completo para ser lançado ao mar, é constituído por uma baliza com uma poita (pedra); a madre é amarrada à pedra à distância de duas braças, o estrovo ou estralho tem uma braça e um palmo de comprimento. A madre leva um estralho de duas em duas

<sup>3</sup>Palangre de fundo – É um aparelho com muitos anzóis formado basicamente por uma linha ou cabo denominado madre, de comprimento variável, do qual partem estralhos de fio mais fino, com anzóis, podendo ser fundeado ou derivante, disposto horizontal ou verticalmente. (Portaria n.º 101/2002 de 24 de Outubro)

braças. Por cada 50 anzóis (tala) leva uma pedra. Não leva bóias. O conjunto completo tem 200 anzóis. No resto é idêntico ao aparelho para o robalo. «Se for para pescar peixe grosso no fundo, o aparelho é amarrado rente à pedra e leva anzol nº 8.»

**Aparelho de fundo para safio:** «O estralho tem 90 de diâmetro, a madre tem 140 e o anzol é o nº 9.» Este aparelho é utilizado durante todo o ano.

**Aparelho para o robalo<sup>4</sup>:** O aparelho para o robalo, pronto para ser lançado ao mar, é constituído por uma poita (pedra, âncora, ferro), uma baliza ou bóia de sinalização (bóia com a altura de um metro, onde consta o número de matrícula, o nome do barco e o reflector de radar; se o aparelho não estiver devidamente sinalizado está sujeito a multa nos termos da lei em vigor), com uma pedra. A duas braças da bóia de sinalização, à superfície, amarra-se a madre do aparelho. Metem-se três anzóis iscados com pilado e mete-se um “boim”, para o aparelho flutuar. Em seguida leva mais dez anzóis, com pilado, e um “boim”. Leva mais dez anzóis, com pilado, e um “boim”, ao fim de vinte e cinco anzóis leva uma pedra, para o aparelho ficar “aporriado”. E, assim sucessivamente até aos duzentos anzóis. Em cada uma das extremidades do palangre é obrigatória a existência de uma baliza de acordo com a lei. O aparelho termina com uma pedra, uma baliza de sinalização e uma poita.

Para montar o aparelho procede-se da seguinte maneira: «a madre, onde se agarra o anzol, onde se amarra as missangas e onde se agrafa os mordentes, tem 140 (1,40mm) de diâmetro. A cada 2,5 braças leva duas missangas, dois mordentes e um destorcedor. Depois leva o estralho de 70 (0,70mm) com um anzol nº 9 (Inverno), ou nº 10 (Verão) para pescar com pilado.» Isto é, cada estralho dista do seguinte 2,5 braças. O estralho do anzol tem uma braça e um palmo de comprimento. A um conjunto de cinquenta anzóis entalhados na madre chama-se «tala». Um aparelho é composto por quatro talas, ficando no total com duzentos anzóis.

«Se for para pescar a meia-água, por exemplo, se o fundo tiver dez braças, amarra-se o aparelho às cinco braças.»

**Aparelho de alvarar para o robalo:** «Coloca-se o aparelho a duas ou três braças da superfície. Pode passar um barco por cima que não faz mal. Hoje, um aparelho do robalo custa trinta e um contos, custa 155€.» Esta arte é utilizada durante o ano inteiro.

O aparelho para a corvina é igual ao do robalo, só que leva uma amostra de borracha em forma de peixe com anzol, em vez do anzol singelo. É utilizado de Setembro a Novembro.

«A gente põe o aparelho a pescar à altura que a gente quiser. Se quisermos colocá-lo a pescar rente ao fundo, mete-se. Se quisermos por à superfície, mete-se. Se quisermos por aos montes, às serras, às montanhas, mete-se. A técnica é – colocam-se duas bóias (encarnadinhas) e uma pedra, duas bóias e uma pedra, assim fica à serra, à montanha, com esta técnica pesca-se mais o badejo e o pargo, o robalo é mais ou menos a direito, às vezes, estão a pegar mais abaixo, mete-se mais uma pedra, é conforme a altura em que estiverem a pegar. Por exemplo se trabalhares na borda de água, mesmo em seco, de três em três anzóis leva uma boia. O estralho tem uma braça, mais uma braça que vai para a bóia, ficam duas braças. Isto é a madre, há aqui um estralho, do estralho vai para a bóia, e o outro estralho vai para baixo, pesca a duas braças, rente ao fundo. Fundos de pedra, limpo, passa tudo a direito.» Também não lançam muito perto de terra. Trabalham no sentido norte-sul, «para os barcos não se empacharem uns com os outros.»

O “Caneiro”, que se situa em frente a Ribamar, às vinte e duas braças, é o único sítio em que se pode trabalhar este-oeste.

**Aparelho para a lula:** «No aparelho da lula, a grossura do estralho é de 50 (0,50mm) ou 60 (0,60mm). A madre (onde se amarra a missanga) tem 120 (1,20mm) de diâmetro. O estralho tem 0,5 braças de comprimento. O anzol é nº 12. Leva um estralho de braça a braça. O resto é idêntico ao aparelho do robalo. Não leva mordentes nem missangas. O conjunto leva sempre uma pedra,

---

<sup>4</sup>Palangre de superfície – É um aparelho com muitos anzóis, semelhante ao palangre de fundo, mas que se encontra suspenso perto da superfície. (Portaria n.º 101/2002 de 24 de Outubro)

uma bóia de sinalização e depois vem o aparelho que se coloca como se quiser.» É utilizado apenas durante o Verão.

Em Junho de 2012, só Carlos Alberto e o “Cabaço” [Fernando António Mina da Silva Pereira] pescam com palangre na Ericeira.



Aparelhos para a pesca do robalo, corvina e lula acondicionados nas seiras.

## Redes<sup>5</sup>

Uma rede tem vinte e duas braças de comprimento. A rede pode ser de tresmalho (rede com três panos) ou de emalhar (rede com um pano). Com a rede de emalhar, de malha oito (malha miúda), pescam-se salmonetes, fanecas, badejos, etc. Não se podem utilizar redes com malha inferior a oito. Em 2010, as redes custavam 8€/kg.

A rede para o robalo tem um pano, malha 11 [(0,11m)x0,30mm (espessura do fio)] e 50 malhas de altura. A rede tem 50 malhas de altura por 1.000 malhas de comprimento, o que corresponde a 200 entralhos, ou seja a distância entre entralhos tem cinco malhas de comprimento. Os tralhos da cortiçada e do chumbo têm respectivamente 0,8cm e 1,0cm de diâmetro. São lançadas entre Outubro e o fim de Maio. Tempo de pesca no mar – cerca de um dia.

**Rede de tresmalho para linguado.** Os panos de fora (alvitanas - “albitanas” na pronúncia jagoz) têm malha 60 (0,60m)x0,50mm (espessura do fio), o que corresponde a 4,5 malhas. O pano interior tem malha 10x0,30mm (espessura do fio), o que corresponde a entralhos de quatro malhas se tiver 800 malhas. Se tiver 1.000 malhas são entralhadas a cinco malhas. Os tralhos da cortiçada e do chumbo têm respectivamente 0,5cm e 0,8cm de diâmetro. A caça tem 20 redes. A caçada completa tem 5 ou 6 caças, ou seja 100 ou 120 redes. Esta arte é utilizada durante todo o ano. Tempo de pesca no mar – cerca de um dia.

---

<sup>5</sup>Por pesca por rede de emalhar entende-se qualquer método de pesca que utiliza estrutura de rede com forma rectangular, constituída por um, dois ou três panos de diferente malhagem, mantidos em posição vertical por meio de cabos de flutuação e cabos de lastros, que pode actuar isolada ou em «caçadas» (conjunto de redes ligadas entre si, ficando os espécimes presos na própria rede). - Portaria 1102-H/2000, de 22 de Novembro.





Rede de tresmalho para linguado. No suporte a tralha do fundo, na mão a tralha da cortiçada.  
Actualmente, as tralhas dos cabos têm incorporadas as bóias e os chumbos.

**Rascos ou redes para pregado e raia.** Estas redes só apanham os peixes atrás citados, não apanham mais nada. São redes de tresmalho. A alvitana tem malha de 1mx0,60mm (espessura do fio), que corresponde a 3,5 malhas. O pano de dentro tem malha 20 a 28x0,60mm (espessura do fio). Os tralhos da cortiçada e do chumbo têm respectivamente 0,8cm e 1,0cm de diâmetro. A caça tem 20 redes. O entralho pode ter 28 a 30cm de nó a nó. Em Junho de 2012, trabalha com malha 24. Os entralhos da cortiçada e do fundo têm 30cm. Esta arte é utilizada durante todo o ano. Tempo de pesca no mar – cerca de um dia.



Rascos. No suporte a tralha da cortiçada com as respectivas bóias, na mão a tralha do fundo.

**Rede do salmonete:** Tem malha oito. Cada entralho tem cinco malhas. Esta arte é utilizada durante todo o ano. Tempo de pesca no mar – cerca de um dia.

Carlos Alberto compra as redes na “Sal e Pesca” e na “Andreiamar”, em Ribamar da Atalaia. As redes são entalhadas por mulheres. Compra o pano singelo. Têm entre 2,5 a 3,5m de altura,

dependendo do número de malhas da alvitana. Se tiver três malhas tem 2,5m de altura. Se tiver 4,5 malhas tem 3,5 a 4,0m.

As redes alvoradas são proibidas. Em vez de ter chumbo em todos os entalhos, levava um chumbo de cinco em cinco entalhos, para a rede poder ficar suspensa na água. Esta rede trabalhava bem com marés a correr ou águas do monte, barrentas. Tempo de pesca no mar – cerca de um dia.

### **Armadilhas**

Os covos, armadilhas de forma paralelepípedica, apresentam estrutura, em aço de construção civil, revestida por uma retícula quadricular de plástico. Têm as seguintes dimensões:

1,20mx1,20mx0,60cm. São utilizados na captura de peixes, crustáceos e moluscos. Podem apresentar as mais variadas formas. São construídos por Carlos Alberto.

Os alcatruzes, utilizados na captura de polvos, são potes de barro com um furo na extremidade oposta à boca.



Covos

Entrevistas feitas na Ribeira na Ericeira em 29.01.2010, 15.06.2012 e 10.01.2013.

Nome do ficheiro: Carlos Alberto-Final  
Directório: C:\Users\User\Documents  
Modelo: C:\Users\User\AppData\Roaming\Microsoft\Modelos\Normal.dotm  
Título:  
Assunto:  
Autor: ...  
Palavras-chave:  
Comentários:  
Data de criação: 14-06-2012 14:38:00  
Número da alteração: 44  
Guardado pela última vez em: 07-03-2013 18:37:00  
Guardado pela última vez por: User  
Tempo total de edição: 848 Minutos  
Última impressão: 07-03-2013 18:38:00  
Como a última impressão completa  
Número de páginas: 6  
Número de palavras: 1.960 (aprox.)  
Número de caracteres: 10.590 (aprox.)